

A IRA



ERA muito robusto e saudável o Joãozinho. A-pesar-de não ter mais de doze anos, tinha muita fôrça, do que sentia certa vaidade. Tinha um génio irritável, agastando-se por qualquer coisa e chegando a praticar violências, quando o contrariavam.

Os pais repreendiam-no; mas João respondia com maus modos, e só obedecia à fôrça.

— Meu pobre filho! — disse-lhe muitas vezes a mãe — êsse teu génio há-de-te acarretar grandes desgostos.

Numa tarde de verão, foi o Joãozinho brincar com o seu melhor amigo para debaixo das árvores do jardim. Depois de jogarem a péla, passaram ao jogo do pau, por lembrança de João, que vira essa espécie de esgrima num teatro de feira. Aceitou logo o amigo, que era modesto e ingénuo; e eis os dois duelistas, cada um com a sua estaca nas mãos, tra-

vando combate. É claro que nenhum dêles se batia com arte e que o Joãozinho fazia consistir, como sempre, a sua superioridade na fôrça bruta, pelo que mais duma vez desarmou o seu adversário, fazendo-lhe voar a grande distância a estaca, que o vencido apanhava resignadamente.

Ora duma das vezes o Joãozinho não só atirou com a estaca do amigo ao ar, mas também lhe assentou uma paulada na cabeça.

O pobre rapaz era bom por temperamento e nem por sombras tinha fumaças de valente. Aquela bordoadada, porém, dada por maldade, irritou-o vivamente. E levando a mão à cabeça, onde crescia um grande galo, exclamou:

— Grande estouvado!

O orgulho de Joãozinho incendiou-se logo com estas duas palavras, que lhe pareceram os mais injustos insultos; e, erguendo de novo a estaca, descarregou tamanha pancada na cabeça do amigo que o sangue correu logo do golpe.

O ferido cambaleou um pouco, fêz mesmo a careta própria de quem vai chorar; mas de repente atirou-se a João, e, deitou-lhe, sem reflectir, as mãos aos olhos, como se lhos quisesse arrancar.

Aflito, sentindo vergarem-se-lhe as pernas e a fôrça dos braços abandoná-lo, João começou a gritar pelos pais, quando estes corriam para êle enquanto o outro rapaz fugia aterrado, pelo jardim fora.

Trouxeram logo água, deitaram-no na relva,

banharam-lhe os olhos, animando-o e consolando-o o melhor que podiam. Felizmente os ferimentos de



... O sangue correu logo do golpe.

João não lhe tinham ofendido a vista. E então o pai disse-lhe com gravidade:

— Realizou-se o que nós há muito receávamos.

O teu génio colérico, junto à vaidade da tua fôrça, por pouco não causou uma desgraça... A ira levou-te a ofender o teu melhor amigo — até o podias ter matado... — e levou-o a êle a uma violência, de que poderias ficar cego. Reflecte bem, Joãozinho, e nunca mais te deixes arrebatado por êsses acessos de ira, que muitas vezes te impelem a faltar ao respeito até aos teus próprios pais e mestres.

O rapaz ouviu em silêncio a admoestação do pai. Chorava de sincero arrependimento. E nunca mais se deixou arrebatado pela ira.

BIBLIOTECA DAS CRIANÇAS

ANTÓNIO FIGUEIRINHAS

Contos para as Crianças

NOVA EDIÇÃO REFUNDIDA

1935

LIVRARIA EDITORA — EDUCAÇÃO NACIONAL

125 — RUA DO ALMADA — 129

PÔRTO